



● LHARES ALÉM DO TEMPO ●

UFES 70 ANOS

Material Educativo

Olhares além do tempo | Ufes 70 anos

Danielly Tintori e Milena Espinoza (Org.)

Propostas Educativas

Aline Amaral, Danielly Tintori, Daysa Falquetto,
Gisele Brito, Graziela Ferreira, Guilherme Brasil,
Káren Nascimento, Kênia Tinelli, Maria Fernanda
Sabine, Margarete Sacht Góes, Milena Espinoza,
Nicole Pereira.

Fotografia

Acervo de Artes Visuais da Ufes

Projeto Gráfico

Milena Espinoza
Danielly Tintori
Gisele Brito

Ilustrações

Aline Amaral
Nicole Pereira

Revisão de textos

George Vianna

2024



Texto curatorial

A mostra “Olhares além do tempo | Ufes 70 anos” é uma curadoria coletiva, realizada pela equipe da Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu), composta, em parte, por estudantes da Ufes. Em razão dos 70 anos desta universidade, pesquisou-se no Acervo de Artes Visuais da Ufes, salvaguardado pela Gaeu, produções artísticas de professoras/es que trabalham ou já trabalharam na instituição, entre as mais de duas mil obras que datam do século XX à atualidade.

Nossos olhares caminharam pelo Acervo a fim de criarmos conexões, sejam pessoais, sejam com o espaço universitário, sejam com sua comunidade. Nas dobras do tempo, observou-se o passado, considerando o presente e imaginando possíveis futuros. Pensando no potencial educativo da Gaeu, propomos diálogos entre diferentes linguagens artísticas e seus modos de exibição; entre a multidão, seus sujeitos e seus desejos; atravessando a cidade, o meio ambiente e a cultura.

Analisar a história da universidade e suas tantas memórias é um convite para que possamos refletir sobre perspectivas plurais em nossa própria experiência deste tempo em acervo. A partir dos trabalhos artísticos em exibição, propõe-se estabelecer relações diversas – afetivas, educativas e referenciais – como um reflexo de nossas práticas, anseios, pesquisas, preocupações e histórias de vida. Nesse alinhavar coletivo, esperamos que novas vivências e encontros de saberes sejam instaurados.

Equipe Gaeu



Para acessar o texto
curatorial em Libras,
escaneie o QR Code.



Exposição:

Olhares Além do Tempo | Ufes 70
anos

Artistas:

Aline Dias, Andreia Falqueto, Carmen
Có, César Cola, Fernando Gómez,
Freda Jardim, Hilal Sami Hilal,
Jeveaux, Joyce Brandão, Moema
Rebouças, Orlando Farya, Raphael
Samú, Regina Rodrigues, Renato
Caseira

Reitor:

Eustaquio Vinicius Ribeiro de Castro

Vice-Reitora:

Sonia Lopes Victor

Secretário de Cultura:

Rogério Borges

Coordenação da Galeria de Arte**Espaço Universitário:**

Kênia Tinelli

Administrativo:

Lucas Martins

Museologia:

Pedro Ibsen Aragão

Preservação e Conservação de**Obras:**

Angélica Reckel

Arte Educação:

Danielly Tintori

Curadoria:

Aline Amaral, Ananda Carvalho,
Angélica Reckel, Danielly Tintori,
Daysa Falqueto, Gisele Brito, Graziela
Ferreira, Guilherme Brasil, Káren
Nascimento, Kênia Tinelli, Milena
Espinoza, Nicole Pereira, Pedro Ibsen.

Curadoria Educativa:

Aline Amaral, Danielly Tintori, Daysa
Falqueto, Gisele Brito, Graziela
Ferreira, Guilherme Brasil, Káren
Nascimento, Kênia Tinelli, Maria
Fernanda Sabine, Margarete Sacht
Góes, Milena Espinoza, Nicole
Pereira.

Design Gráfico:

Gisele Brito e Milena Espinoza

Revisão:

George Vianna

Projeto gráfico do Educativo:

Milena Espinoza e Danielly Tintori

Produção e Montagem:

Equipe Gaeu

Apoio:

Setor de Tradução e Interpretação em
Libras

Texto curatorial do educativo

“devemos fechar os olhos para ver quando o ato de ver nos remete, nos abre a um vazio que nos olha, nos concerne e, em certo sentido, nos constitui”
(Didi-Huberman, 1998, p. 31)

Diante do desafio proposto por Didi-Huberman, somos instigados a voltar o nosso olhar para “o que vemos e o que nos olha”. Nessa implicação, buscamos capturar o olhar fugidivo que cotidianamente nos atravessa para parar e acessar a exposição “Olhares além do tempo | 70 anos da Ufes”.

Partindo de um olhar cuidadoso para o “planetinha ínfimo chamado Terra” (Jeveaux, 1979), vamos adentrando no território brasileiro, capixaba, para finalmente chegarmos a um lugar afetivo chamado Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Como “seres imagéticos”, somos convidadas/os a olhar, a transver a produção artística, que compõe o acervo da Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu), de professoras/es-artistas-pesquisadoras/es dessa instituição de ensino superior que, neste ano, completa 70 anos.

Para além de uma curadoria feita a muitas mãos, a exposição “Olhares além do tempo” nos possibilita “voltar o olhar novamente para onde, aparentemente, não há nada a ver”, ou melhor, não vemos porque desconhecemos o potencial artístico-cultural intrínseco produzido por professoras e professores da Ufes.

Ao transvermos coletivamente todo o acervo da Gaeu, propomos então, como material educativo, quatro ações que podem e devem ser desdobradas a partir da experiência de cada professor/a, pois “o ato de ver sempre nos abrirá um vazio invencível”; e, a partir desse vazio, dessa necessidade de preenchimento, somos convidadas/os a fabular, (re)criar, (re)inventar, (res)significar para além do tempo presente...

A cada ação pedagógica proposta como dispositivo para acionarmos as obras, desejamos que o seu olhar, que o ato de ver “acomodado, acostumado, anestesiado”, seja potencializado para ver e reconhecer a cidade que habitamos por meio de suas manifestações culturais, que nos constituem/constituíram e nos trazem uma sensação de pertencimento às terras capixabas com seus variados matizes.

É preciso “fechar os olhos” para ver além do tempo diacrônico ou sincrônico na busca de valorização das nossas identidades. Nesse sentido, propomos uma metáfora a partir de “Sankofa”, ou seja, "retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro"
(Abdias do Nascimento).
Vida longa à Ufes!!!

Referência

DIDI-HUBERMAN, GEORGES. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Ed. 34, 1998. 260p. OCUPAÇÃO. Abdias Nascimento: Sankofa. Ocupação, [s.d.]. Disponível em: <https://ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/abdias-nascimento/sankofa/>. Acesso em: 16 ago. 2024.

Margarete Sacht Góes





Olá, professor/a!

Neste material educativo da Exposição “Olhares além do tempo | Ufes 70 anos”, apresentamos quatro propostas educativas para serem ativadas na escola com as/os estudantes, explorando as temáticas abordadas na exposição, como territorialidade, identidade, cidade, espaços afetivos, natureza e outros.

A primeira ativação, **A cidade que mora em mim**, tem como referências as obras de Jeveaux e de Moema Rebouças, com a proposta de direcionar a atenção das/os estudantes para o seu bairro ou a sua cidade, buscando a reflexão sobre a cidade que temos e a cidade que desejamos.

Na proposta 2, **Mistura bichos**, a inspiração se deu pelas obras das/os artistas Joyce Brandão, César Cola, Freda Jardim, Orlando Farya e Regina Rodrigues. Esta atividade é direcionada para as crianças da educação infantil, podendo ser estendida aos demais segmentos a partir do direcionamento do/a professor/a.

Como atividade 3, **As cores da terra**, propomos a produção de uma tinta à base de pigmentos encontrados na terra, ou seja, no solo onde está localizada a escola. Essa ativação traz como referência a artista Joyce Brandão, cujas obras presentes na exposição foram produzidas com tintas confeccionadas pela própria artista.

Na última atividade, trazemos o jogo **Criptograma Cobogó**, tendo como referência a Instalação Cobogó (S/d.), do artista Hilal Sami Hilal. A proposta é que cada jogador/a seja desafiado/a a descobrir as palavras cifradas, que foram formadas a partir de símbolos que representam letras.

Para saber mais sobre a exposição e a sala do educativo acesse o site da Gaeu: <https://galeria.ufes.br/>
ou pelo QR Code:



Proposta 1

A cidade que mora em mim

Uma das obras em destaque na exposição "Olhares além do tempo | Ufes 70 anos" é a obra "Ilha do Mel S.A. & C.I.A. Ltda.", de Jeveaux, que oferece uma percepção da cidade de Vitória. O artista utiliza uma variedade de elementos feitos de espuma vinílica para representar igrejas, prédios, residências, veículos terrestres e aquáticos, além de árvores. Adicionalmente, a obra possui uma variação proposta pelo próprio artista com pequenas e numerosas figuras humanas em biscoito, intitulada "A mega, super, hiper, aterradora população deste planetinha ínfimo chamado Terra".

Outra artista que nos convida a refletir sobre a cidade através de suas manifestações culturais é Moema Rebouças. Suas gravuras retratam o Ticumbi, uma expressão presente na cultura popular do norte do Espírito Santo, especialmente nas cidades de São Mateus e Conceição da Barra, reconhecida pelo Iphan como patrimônio imaterial.

Além disso, Moema Rebouças e Adriana Magro publicaram o livro "A cidade que mora em mim", fruto de um projeto de pesquisa desenvolvido com crianças e adolescentes da cidade de Vitória, no qual se analisa o olhar de cada um deles sobre a cidade onde vivem, por meio de suas produções artísticas.

Referência

MAGRO, Adriana; REBOUÇAS, Moema. *A cidade que mora em mim*. Vitória: Edufes, 2009. ISBN 978-85-7772-036-1.



Imagens (1 e 2) representando as/os bonecas/os produzidas/os pelas/os visitantes a partir da proposta educativa realizada na sala do educativo da exposição.

Imagem 1

A cidade que mora em mim

A partir dessas referências, propomos direcionar a atenção dos estudantes para o seu bairro ou a sua cidade, a partir das seguintes provocações:

A cidade que temos

Descreva o seu bairro/cidade, explorando os diferentes elementos que o constituem, como arquitetura, história, cultura popular, espaços públicos, equipamentos culturais, meio ambiente, entre outros.

A cidade que desejamos

Pense qual seria a sua cidade ideal. A cidade atual atende às suas expectativas como cidadão? O que você acha que falta para melhorar?

Refletindo sobre o território que fabulamos, sugerimos desenhar coletivamente essa cidade/bairro/escola.

Para realizar o desenho, indicamos utilizar um suporte amplo, como papéis grandes (cenário ou papel kraft) ou até mesmo a parede ou quadro escolar.

Identities

Imagine-se dentro do território que foi construído coletivamente. Onde você se identificaria? Para explorar essa ideia, sugerimos criar um/a boneco/a que represente cada um/a, com suas características físicas e imagéticas, e posicioná-lo/a nessa cidade/bairro/escola.

Para confeccionar as/os bonecas/os, indicamos utilizar papéis coloridos, retalhos de tecido, barbantes, miçangas, lápis de cor, canetas, cola e tesoura.



Imagem 2

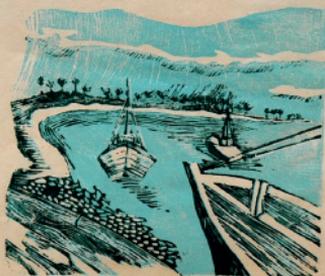




"Ilha do Mel S.A. & C.I.A. Ltda." (2004) - Jeveaux



"A mega, super, hiper, aterradora população deste planetinha ínfimo chamado Terra" (1979) - Jeveaux



3/17.2x16 "Chegada Ticumbi" Hooua 79



3/17.2x16 "Observando Ticumbi" Hooua 79



6/15.2x16 "Movimento Ticumbi" Hooua 79

- "Chegada Ticumbi" - Moema Rebouças (1979)
- "Movimento Ticumbi" - Moema Rebouças (1979)
- "Observando Ticumbi" - Moema Rebouças (1979)

Proposta 2

Mistura bichos

Na exposição "Olhares além do tempo | Ufes 70 anos", é possível notar a presença de diversos animais representados pelas/os artistas, entre eles: pássaros, um animal que se assemelha a um cachorro, uma onça pintada, um sapo e mosquitos. Identifique-os nas imagens abaixo, verificando quais artistas os representaram.

Nesse sentido, sugerimos que cada estudante escreva o nome de dois animais em pedaços de papel. Após todos escreverem, os papéis devem ser dobrados e colocados para sorteio, resultando em dois animais para cada estudante. Com os nomes escolhidos, as/os estudantes devem combinar as características dos dois animais para criar uma criatura inusitada. Ao final, as/os estudantes podem inventar um nome e uma história para o seu animal fictício.

Esta atividade é sugerida para crianças da educação infantil, mas pode ser desenvolvida com todas as idades.

Como exemplo, trazemos três desenhos com misturas de animais, e os resultados foram: o urubu com o peixe deu origem ao peixebu ou urupeixe; com a girafa e a tartaruga, temos tartarafa ou giratuga; já do pato com a foca surgiu a pafoca ou focato.





Referência: Desenho produzido por Nicole Pereira, bolsista da Gaeu, 2024.



'Estéticas infladas" (2002)
Orlando Farya

"Sem título" (1994)
Freda Jardim



"Insetos" (1992-1993)
Regina Rodrigues
Fragmento da obra





"Xô Passarinho" (1980)
Joyce Brandão



Cotidiano Tropical (2013)
César Cola

Proposta 3

As cores da terra

Dentre as obras presentes na mostra “Olhares além do tempo | Ufes 70 anos”, são expostas três obras da artista plástica Joyce Brandão. A pintura “A Estrela” (1993), em tinta acrílica sobre celulose, e as aquarelas “Bom Dia Cidade” (1978) e “Xô Passarinho” (1980) foram produzidas com uso de tintas confeccionadas pela própria artista. Sua área de pesquisa abrange a Produção de Materiais Artísticos. Em 2003, ela coescreveu o livro “Tintas: Materiais de Arte” com o artista e pesquisador Attilio Colnago. Levando em consideração a produção dos próprios elementos tintoriais, propomos nos inspirar na artista e, da mesma forma, vivenciar a produção de nossas tintas, explorando nosso próprio território.

Uma tinta é composta por uma mistura de pigmento, aglutinante e diluente. Sendo o pigmento o responsável por colorir, o papel do aglutinante é de ligar e fixar as partículas do pigmento; cabe ao diluente espaçar e abrir as partículas do aglutinante, sem alterar o seu poder de ligação e a fixação dos pigmentos. Assim, diferentes materiais podem ser utilizados como aglutinantes para a produção de uma tinta. Por exemplo: as tintas aquarelas e guache são aglutinadas com as gomas; tal como a goma arábica, as tintas a óleo são aglutinadas com óleos vegetais, como o óleo de linhaça e de nozes. Já as têmperas são aglutinadas com ovo e caseína (cola de leite), a tinta encáustica é aglutinada por ceras e as tintas tidas como acrílicas e vinílicas são aglutinadas por resinas sintéticas (polivinílicas), etc.

Assim, trazendo possibilidades de potencializar as materialidades para que os estudantes investiguem a utilização de pigmentos provenientes da natureza, como uma opção alternativa de tinta sustentável, temos como proposta a produção de uma tinta à base de pigmentos naturais inorgânicos, ou seja, alguns pigmentos encontrados na terra, no solo onde está localizada a escola.

Cada local tem uma terra diferente em pigmentação e textura. Se explorarmos as diversas terras encontradas em nosso bairro ou cidade, podemos perceber suas características únicas e criar uma variedade de tons de pigmento para utilizar em nossas pinturas. Indicamos um modo de fazer que utiliza a água como diluente, a cola como aglutinante e a terra como pigmento.



Referência: Fotografias produzidas por Aline Amaral, bolsista da Gaeu, 2024.

Como criar nossa tinta de terra?

Coleta e preparo da terra:

- 01.** O primeiro passo é a coleta da terra que será utilizada, tomando cuidado para não misturar terras de cores diferentes. A terra mais apropriada é a argilosa;



- 02.** Peneire a terra para ficar bem fininha, retirando detritos, sujeiras e pedrinhas; Coloque a terra peneirada exposta ao sol para tirar a umidade; Depois da secagem, se preferir, passe a terra no tecido voil para deixá-la ainda mais fina.

Proporções básicas para fazer a tinta:

- 2 medidas de terra
- 2 medidas de água
- 1 medida de cola branca



Como fazer a tinta:

Coloque a terra em um recipiente, junte a água e misture bem. Adicione a cola e mexa mais um pouco, até integrar todos os componentes. Pronto, a sua tinta já está feita e pode ser utilizada.

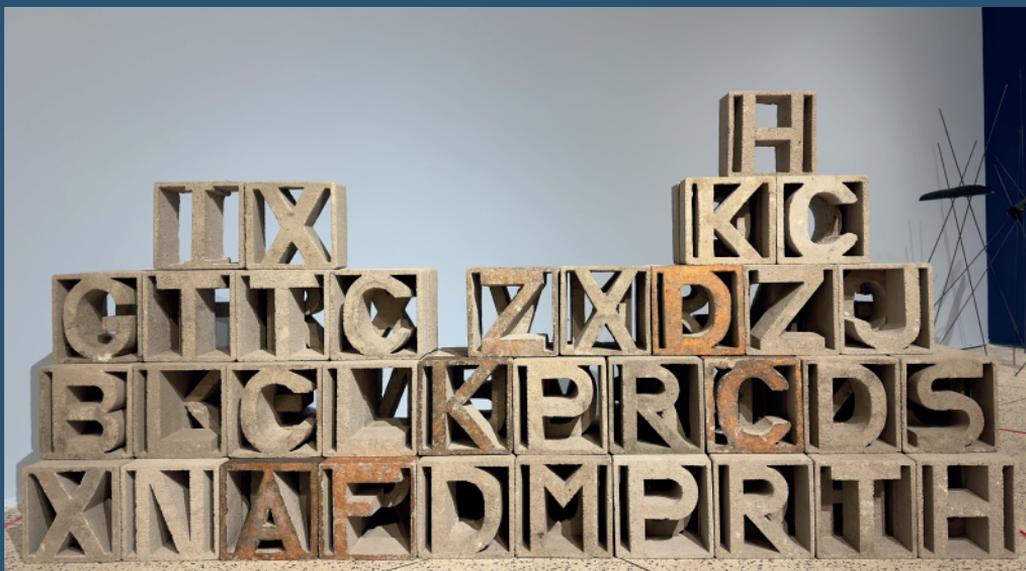
Proposta 4

Criptograma Cobogó

Na Instalação Cobogó (S/d.), do artista Hilal Sami Hilal, estão dispostas diversas peças em cimento, que são consideradas cobogós pelo seu volume e materialidade, em que estão representadas letras do nosso alfabeto.

Os cobogós são tijolos ocos e modulares que desempenham um papel importante na arquitetura brasileira.

Originados em 1929, em Recife (PE), foram inspirados nos muxarabis, que são elementos vazados de origem árabe com tramas pequenas e feitos de madeira. No Brasil, foram adaptados para a região mais quente e úmida, cuja função principal seria a de separar o espaço interno do externo, sem prejudicar a luz natural e a ventilação.



“Instalação Cobogó” (2014) - Hilal Sami Hilal

Se olharmos com atenção para a nossa cidade, poderemos identificar alguns padrões ou informações visuais que costumam passar despercebidos, como a presença de cobogós na arquitetura. Você já percebeu o uso desses elementos nas construções ao seu redor?

Josivan Rodrigues realizou uma pesquisa iconográfica de um elemento específico do estado de Pernambuco, os cobogós, capturando sua presença por meio da fotografia. A partir desse acervo de fotos, Guilherme Luigi criou vetorialmente 36 símbolos correspondentes aos caracteres digitais de uma família tipográfica. A partir desses elementos, que representam letras do alfabeto, foi criado o jogo Criptograma Cobogó.



“Cobogó de Pernambuco” (2013) - Josivan Rodrigues

Como se joga?

- 01.** Dividir a turma em 4 grupos. Entregar para cada grupo uma cópia das palavras criptografadas, que foram selecionadas a partir das temáticas da exposição.
- 02.** Afixar o gabarito em um local de fácil visualização.
- 03.** Cada equipe deverá descobrir as palavras criptografadas no menor tempo. Vence o grupo que encontrar todas as palavras primeiro.

Esse jogo também pode ser jogado de outras maneiras. Utilize sua criatividade e explore as temáticas abordadas.

referência:

ITAÚ CULTURAL. *Dingbat Cobogó*. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/sites/cidadegrafica/dingbat-cobogo-eng.html>. Acesso em: 09 ago. 2024.

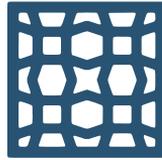
ITAÚ CULTURAL. *Cidade Gráfica: Caderno Conceitos*. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/cidadegrafica_cadernoconceitos_af_.... Acesso em: 09 ago. 2024.



A



B



C



D



E



F



G



H



I



J



K



L



M



N



O



P



Q



R



S



T



U



V



W



X



Y



Z

Dingbat Cobogó, 2013
Guilherme Luigi